

Afinal, de que liberdade falamos? After all, what freedom do we talk about?

CARRASCO, Alexandre de Oliveira Torres. **A liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, 74p.

*Sabrina Copetti Oliveira**
Universidade Federal do Tocantins

*Adriano Machado Oliveira***
Universidade Federal do Tocantins

A obra *A liberdade*, de autoria de Carrasco (2011), pertencente à coleção “Filosofias: o prazer de pensar”, dirigida por Marilena Chaui e Juvenal Savian Filho, traz importantes questionamentos e esclarecimentos sobre a problemática da liberdade, a qual comumente está presente em discussões educacionais, nas quais nem sempre se busca pensar mais conceitualmente sobre o termo. Já na introdução, o autor nos coloca que pensar sobre a liberdade é pensar em algo que está presente em nossas experiências, nos modos como nos definimos e que as respostas sobre a temática devem partir de nós mesmos, a fim de que se possa chegar ao questionamento: “afinal, somos livres?” (CARRASCO, 2011, p. 10). Desse modo, para ele, perguntar sobre a liberdade é perguntar sobre nós mesmos (p. 11). Dessa maneira, “só faz sentido falar de liberdade se falarmos de uma liberdade que possa ser nossa liberdade” (CARRASCO, 2011, p. 12). Ainda segundo o autor, o lugar da liberdade está na relação entre o ser e o “poder ser” (p. 15), ou seja, a liberdade como uma sensação íntima de ser livre e a liberdade como experiência pontual em que agimos por meio dela.

Se pensar a liberdade depende de nossa experiência pessoal ou, melhor dizendo, da existência de uma ausência de coerções e impedimentos externos para nossa ação, bastante difícil se coloca o problema de pensarmos a liberdade como direito nas escolas. E a liberdade do aluno, qual o seu lugar? Qual a extensão e a natureza da liberdade do professor?

A liberdade como problema, pois, ultrapassa muito a esfera puramente conceitual e filosófica, embora tenhamos que recorrer a ela para podermos situar melhor nossas crenças e concepções. No presente livro, o autor não se propõe responder às indagações já citadas, no entanto, suas elucidações colaboram sobremaneira para que possamos estabelecer os fundamentos iniciais de uma discussão educacional acerca do tema.

No primeiro capítulo da obra de Carrasco (páginas 20 a 24), o autor traz contribuições do estoicismo para pensar a liberdade, já que essa escola filosófica

realizou as primeiras tentativas de refletir sobre a temática. Segundo o estoicismo, o indivíduo, para ser sábio, precisava viver em harmonia com a natureza, mas uma natureza vista como penetrada pela razão e por um elemento divino. Assim, para os estoicos, a sabedoria de estar acima das paixões e viver conforme a natureza seria a expressão máxima da liberdade de um sujeito. A paixão, desse modo, significava uma irracionalidade perante a qual o indivíduo que busca a liberdade deve se opor, “[...] tomar distância...” (p. 22), como forma de colocar-se acima dessa contingência da vida de relação considerada um obstáculo para uma vida legítima. Ser livre, a partir disso, mostrava-se para os estoicos uma condição produzida a partir de um constante conflito entre uma natureza humana idealizada e as contingências da vida social – como as paixões –, tidas como elementos nocivos para a conquista da sabedoria.

No segundo capítulo da presente obra (páginas 25 a 31), Carrasco analisa uma forma de abordar o problema da liberdade diametralmente oposta à perspectiva estoica. No pensamento de Michel de Montaigne (1533-1592), desse modo, o autor demonstra que a liberdade emerge a partir da legitimação da impermanência da condição humana. Para ele, o fato de estarmos em constante agitação e transformação é o que nos garante a liberdade, já que isso faz com que tenhamos que inventar nossas atitudes práticas e a moral. Nessa nova maneira de pensar a liberdade, a natureza e as paixões já não são vistas como opostas, mas como pertencentes a “uma mesma ordem em movimento: estão presentes na experiência e na razão e são igualmente falhas, vagas, contingentes” (p. 30).

O pensamento de Jean-Paul Sartre (1905-1980) é apresentado por Carrasco no terceiro capítulo do livro (páginas 32 a 41). Nele, o autor esclarece que Sartre teve suas ideias impregnadas da filosofia de Descartes, o qual, no intuito de valorizar o que concebia enquanto ciência, teorizou sobre a separação entre corpo e alma, sendo a última mais estimada e o sensível desqualificado. Essa separação se torna um ponto de partida para Sartre, ao afirmar que, embora a liberdade aconteça em nosso corpo, esse não interfere nela. A liberdade para Sartre “[...] é a potência de ultrapassar qualquer obstáculo ‘natural’, fático” (CARRASCO, 2011, p. 39). Ainda segundo Sartre, o fato de a existência preceder a essência torna possível que sejamos o que fizermos de nós mesmos. Desse modo, para o filósofo francês, a liberdade nos define, isto é, a experiência essencial de nós mesmos é uma experiência de não coincidência – cada sujeito se constrói de maneira única –, a qual se dará conforme o uso que fizermos de nossa liberdade, já que para ele “à parte a morte, somos absolutamente livres” (p. 41). Como podemos perceber, a concepção sartriana de liberdade se constrói para além de quaisquer coerções corporais, o que o afasta definitivamente de qualquer correlação com o pensamento estoico. Em contrapartida, suas reflexões parecem se aproximar das ideias de Montaigne, na medida em que nos dois pensadores inexistem uma alma, uma essência a ser preservada, encontrando-se na absoluta possibilidade de se constituir a partir de escolhas um ponto de encontro entre ambos.

No quarto capítulo de *A liberdade* (páginas 42 a 51), o leitor agora entra em contato com pensamento de Merleau-Ponty (1908-1961). Enquanto Sartre coloca a liberdade como superação do que é natural e como independente do corpo, o pensamento merleau-pontiano concebe a liberdade enquanto uma experiência que se dá por meio do corpo, junto ao corpo – mesmo que em algumas circunstâncias não o consideramos e o dispensamos, ele está sempre presente. Desse modo, a experiência não prescinde do corpo, mas igualmente não se limita a ele (CARRASCO, 2011, p. 47). A liberdade, para Merleau-Ponty, é a “[...] experiência que se dá entre a natureza e a consciência” (p. 48). Para o autor, por conseguinte, o nosso nascimento como destino se torna nossa história através da experiência de nossa liberdade, do uso que fizermos dela. Noutras palavras, “a história é a passagem do natural para o humano” (CARRASCO, 2011, p. 49).

No quinto e último capítulo (páginas 52 a 54), Carrasco apresenta algumas ideias conclusivas, dentre elas a de que para a filosofia não é apenas relevante tratar dos resultados da liberdade, mas também discutir como isso é possível e o que faz com que em nossa experiência de liberdade possamos nos dar conta de que somos livres ou nos fazemos livres. Em seguida (páginas 55 a 74), a obra traz alguns excertos de livros dos autores que foram apresentados em cada capítulo, bem como questões para verificação da compreensão dos mesmos. Por fim, Carrasco sugere algumas produções cinematográficas e obras para o leitor que deseje aprofundar suas reflexões e leituras sobre o tema da liberdade.

Por tudo isso, *A liberdade*, volume 7 da coleção “Filosofias: o prazer de pensar”, é uma obra relevante não somente para aqueles que se interessam pelo estudo da filosofia, mas também para acadêmicos e profissionais envolvidos com a formação de professores, já que sua problemática está diretamente ligada com as situações educativas da sala de aula contemporânea – quase sempre atravessada por dilemas que requerem um posicionamento do professor perante os comportamentos de seus alunos. Somando-se a isso, a presente obra se apresenta como um recurso ao professor do Ensino Médio, possibilitando-lhe explorar através de seus capítulos conceituações filosóficas capazes de fornecerem aos alunos um senso crítico mais apurado para (re)pensarem a experiência da liberdade não somente em suas escolas, mas na vida em sociedade.

* **Sabrina Copetti Oliveira** – Acadêmica de graduação em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. Araguaína, Tocantins – Brasil.

** **Adriano Machado Oliveira** – Professor Adjunto, área de Psicologia da Educação, da Universidade Federal do Tocantins. Araguaína, Tocantins – Brasil.

Correspondência

Adriano Machado Oliveira – Fundação Universidade Federal do Tocantins, Unidade de Licenciaturas/ Campus Araguaína. Avenida Paraguai s/n, esquina com rua Uxiramas – Setor Cimba.

CEP: 77818-970 – Araguaína, Tocantins – Brasil.

E-mail: adriano.oliveira@uft.edu.br / sabrinacopetti@yahoo.com.br

Recebido em 12 de janeiro de 2012

Aprovado em 15 de outubro de 2012